

A PROPÓSITO DE OUTRAS RAÍZES DO BRASIL, DE MIGUEL REALE

Myriam ELLIS

Leitora assídua e colecionadora dos brilhantes escritos quinzenais com os quais o nosso grande mestre prestigia e enriquece, em sábados alternados, a edição do jornal "O Estado de S. Paulo", não poderia furtar-me a alguma consideração sobre o palpitante tema em pauta.

O título **Outras raízes do Brasil** pressupõe as raízes anteriores e, de pronto, remete o leitor à magistral obra **Raízes do Brasil**, na qual Sérgio Buarque de Holanda empenha-se em desenterrar os alicerces do nosso passado mais antigo.

Sobre os tempos menos remotos, o artigo de Miguel Reale, indiretamente traz à tona, evidencia e valoriza a obra fundamental e pioneira de Alfredo Ellis Júnior; **Populações Paulistas** que, na mesma linha de pensamento aborda matéria que se reporta a São Paulo - Província e Estado - polo principal, por razões econômicas, o polo por excelência de atração dos movimentos imigratórios do país.

Esboço sociológico do povo paulista na década de 1920 a 1930, mais uma síntese do que propriamente um estudo analítico, segundo o Autor, o livro **Populações Paulistas**, de Alfredo Ellis Júnior, propõe uma possível seqüência do seu **Raça de Gigantes** e aponta rumos para novas investigações.

Retrato demográfico de São Paulo às vésperas da revolução de 30, para publicação no "Correio Paulistano", em capítulos avulsos, a obra veio a ser editada, com revisões e acréscimos posteriores, somente

em 1934, pela Companhia Editora Nacional (série "Brasiliana", vol. 27), conforme explica Alfredo Ellis Júnior no prefácio:

"... o que era o **Populações Paulistas** estava na redação desse jornal, quando, sobrevindo o movimento de 30, foi ela vandalicamente destruída.

Os puritanos de então queriam exterminar o que eles acreditavam malsão, na sua clamorosa ingenuidade. Daí a série de atentados praticados nas famosas jornadas outubrinhas. Os originais do **Populações Paulistas** acompanharam a desdita da redação do "Correio Paulistano", vítima inocente da voragem destruidora dos aliados do sr. Getúlio Vargas, esses que confessam hoje, tiveram a boa fê de abrir as portas de Itararé ao invasor da nossa terra...

Tempos se passaram, e devido a conselhos repetidos do meu prezado amigo Antônio de Alcântara Machado, reconstitui o estudo incendiado no "Correio Paulistano".

Graças a novas pesquisas e a novos esforços eu refiz as páginas do trabalho. Elas foram publicadas, algumas, na "Revista Nova", na "Política" e outras serviram-me de base para as conferências que realizei na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo...

Mas os escolhos da vida e as asperezas do **struggle for life**, obrigando-me aos combates pelo pão diuturno impossibilitaram-me de me dedicar inteiramente a esse único objetivo científico. Tenho demorado, por esse motivo, o andamento deste trabalho, constantemente interrompido por outros afazeres de premência mais imediata. Daí o retardamento do esboço sociológico do povo paulista na década de 1920 a 1930. O trabalho não é perfeito, mas abrirá, entretanto, novos horizontes a novas buscas... é um livro baseado na verdade, em toda a verdade e só na verdade..."

E prossegue Ellis Júnior:

"Todo o esforço meu tem girado em torno de buscar esclarecer o grupo social paulista nos fenômenos da sua vida, pelos capítulos da sua trajetória evolutiva..."

Em **Populações Paulistas**, Ellis Júnior, sempre atento às coletividades, vai ao encontro dos grupos sociais que se sobrepujaram ao alicerce básico pré-existente estabelecido pelos homens das arrancadas sertanistas e cafeeira dos séculos precedentes (XVI ao XIX). E, pioneiro, através de erudita e abrangente visão de conjunto, apoiada em renomada bibliografia científica contemporânea e fontes oficiais - recenseamentos, estatísticas e relatórios - aborda a nova gente paulista. Gente oriunda, em grande parte, do movimento imigratório de importação de braços para a lavoura a partir da segunda metade do século XIX, de que resultou a incorporação de italianos, espanhóis, portugueses, japoneses e descendentes à evolução populacional do nosso Estado.

A essas coletividades acrescentam-se os contingentes estrangeiros de imigrações exclusivamente espontâneas de sírios, libaneses, alemães, austríacos, húngaros e outros. Avaliados, todos, quanto à origem, estabelecimento, distribuição geográfica e profissional no território paulista.

Dividida a obra em duas partes, a primeira, a mais alentada, analisa favoravelmente a presença do imigrante, o italiano de preferência, no panorama sócio-econômico paulista - rural e urbano - a partir do final do século passado. E avalia os processos de assimilação e aculturação dos estrangeiros - pelo cruzamento, educação ou adaptação - mediante critérios sociológicos.

Consideradas são a presença do elemento negro e a questão da imigração interna de gente do Nordeste do país, da Bahia, de Minas Gerais e outras áreas, de evidente complexidade antropológica e cultural, atraída para o Estado de São Paulo pelos salários possíveis à lavoura do café ou à indústria paulista. Os **sãopauleiros**, na expressão de um antigo jornal.

Observa, ainda, Alfredo Ellis Júnior, como se asseantaram em tão desiguais proporções, os variados tipos antropológicos oriundos de diversas culturas e dotados de diferentes mentalidades; como se assentaram esses diversos elementos humanos que entraram na composição das populações paulistas até 1930, aproximadamente.

E conclui ser o povo paulista, na ocasião, o conjunto de todos aqueles elementos e São Paulo uma unidade de tumultuado cenário de

cujo "jogo de forças", acreditava, haveria de surgir "uma sentimentalidade igual e coesa em torno dos interesses paulistas".

O seu grande ideal...

A segunda parte do livro, intitulada Repartição da população, trata da distribuição demográfica em território paulista, distribuição diversificada quanto à densidade e às particularidades coletivas e individuais. E propõe critérios para a sua apreciação. E finaliza:

"Se tivermos de experimentar a tendência de caminhar pra uma quantidade de gente em demasia para a nossa área territorial, teremos a sofrer as mesmas conseqüências que afligem os países da velha Europa. Cuidamos da quantidade. É tempo de pensar na qualidade..."